

## CERTIFIED ORGANIC INTELLECTUAL/INTELECTUAL ORGÂNICA CERTIFICADA



**Figura 15:** *Aurora*. Sara Oliveira. Colagem digital, 2021.

## Certified Organic Intellectual: On Not Being Postmodern<sup>1</sup>

Aurora Levins Morales

I have begun this essay a hundred times, in a hundred different ways, and each time I have struggled with the same deadly numbing of my mind.

Hashing it out once again with my parents on the phone, this time we go for the food metaphors.

## Intelectual Orgânica Certificada: Sobre o Não Ser Pós-Moderna

Aurora Levins Morales

Tenho começado a escrever esse ensaio centenas de vezes, de cem formas diferentes, e em cada uma delas tenho tido que me enfrentar à mesma tontura mental.

Comentando de novo essa situação pelo telefone com meus pais, para tentar desembaralhar a confusão, a gente decidiu, dessa vez, pelas metáforas culinárias.

---

<sup>1</sup> Texto autorizado pela autora e editora a partir do livro *Medicine Stories: Essays for Radicals*. Ano de publicação: 2019. Páginas: 121-126. Duke University Press. Uma versão anterior deste ensaio foi publicada em *Medicine Stories*, 1998, Editora South End Press. **Tradução e notas:** Ana Gretel Echazú Böschmeier, mãe, feminista, professora adjunta do Departamento de Antropologia/PPGAS/UFRN, tradutora no Projeto ReCânone/UFRN e pesquisadora do CNPQ. Faz parte da rede *Feminismos, Cultura y Poder*, é embaixadora do Movimento *Parent in Science*, integra a comissão avaliadora do *II Ciclo de Ações Antirracistas* da UNESCO/UNTREF e o Comitê Central de Ética em Pesquisa da UFRN. Atua nas áreas de Pluralismo Epistêmico, Direitos Humanos, Interseccionalidades, Feminismos do Sul, Descolonização, Ética e Saúde Coletiva. Email: [gretigre@gmail.com](mailto:gretigre@gmail.com) Contato: [gretigre@gmail.com](mailto:gretigre@gmail.com). **Revisão do português e notas:** Rosamaria Giatti Carneiro é mãe, feminista, antropóloga, professora associada no Departamento de Saúde Coletiva da UnB e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas também da UnB. É co-coordenadora do laboratório de pesquisa CASCA (Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva da UnB). Coordenou o Projeto de Extensão “Mulheres latinas fazem arte” na Universidade de Brasília. Pesquisa e se interessa pelo campo dos direitos sexuais e reprodutivos, políticas públicas, maternagem, movimentos de mulheres e leituras femininas das Américas. Email: [rosacarneiro@unb.br](mailto:rosacarneiro@unb.br). **Nota sobre a configuração do documento:** O presente texto foi traduzido e organizado segundo o formato de dupla coluna, facilitando o trânsito entre duas línguas e a observação de correspondências a partir da comparação direta entre o texto original, localizado à esquerda (nesse caso, em inglês) e o texto traduzido, situado à direita (nesse caso, em português).

When I was a child in rural Puerto Rico, the people around me ate produce grown on local soil, chickens that roamed the neighborhood, bananas cut from the stalk.

It was unrefined, unpackaged, full of all those complex nutrients that get left out when the process is too tightly controlled. But during the last few years before we emigrated, advertising finally penetrated into our remote part of the island.

Cheeze Whiz on Wonder Bread was sold to country women as a better, more sophisticated, modern, advanced, and healthy breakfast than boiled root vegetables and codfish, or rice and beans.

When I call myself an organic intellectual, I mean that the ideas I carry with me were grown on soil I know, that I can tell you about the mineral balance, the weather, the labor involved in preparing them for use.

In the marketplace of ideas, we are pushed toward the supermarket chains that are replacing the tiny rural colmado; told that store bought is better, imported

Quando eu era criança na zona rural de Porto Rico, as pessoas ao meu redor comiam produtos cultivados na terra local, galinhas perambulando pelo bairro e bananas cortadas diretamente do talo.

Tudo sem refinar, sem empacotar, cheios de todos aqueles nutrientes complexos que desaparecem quando o processo é excessivamente controlado. Mas alguns anos antes de emigrarmos, o negócio da publicidade finalmente penetrou em nossa parte remota da ilha.

O *Cheeze Whiz on Wonder Bread* era vendido como um café da manhã melhor, mais sofisticado, moderno, avançado e mais saudável do que vegetais de raiz cozidos com bacalhau ou feijão com arroz.

Quando afirmo ser uma intelectual orgânica, quero dizer que as idéias que carrego comigo cresceram em um solo que conheço; que posso falar de seu equilíbrio mineral, do clima e do trabalho que levou a preparação para o seu uso.

No mercado de idéias, somos empurradas<sup>2</sup> para as cadeias de supermercados que estão substituindo a pequena mercearia rural; estamos convencidas de que

---

<sup>2</sup> Nota da Tradutora (em diante, N da T): Na tradução do texto do inglês para o português é realizada a opção pela generalização no feminino nas oportunidades em que é acionada a segunda pessoa do plural.

is best, and sold on empty calories in shiny packaging instead of open crates and barrels of produce to which the earth still clings.

The intellectual traditions I come from create theory out of shared lives instead of sending away for it. My thinking grew directly out of listening to my own discomforts, finding out who shared them, who validated them, and in exchanging stories about common experiences, finding patterns, systems, explanations of how and why things happened. This is the central process of consciousness raising, of collective testimonio. This is how homemade theory happens.

In the women's CR groups I belonged to in the early 1970's, we shared personal and very emotional stories of what it had really been like for us to live as women, examining our experiences with men and with other women in our families, sexual relationships, workplaces and schools, in the health care system and in surviving the general societal contempt and violence toward women.

a produção em massa é melhor, muito mais se for importada, e que o que é vendido desnatado e em embalagens brilhantes é preferível às caixas e barris abertos, cheios de produtos nos quais a terra ainda está pendurada.

As tradições intelectuais das quais venho fabricam a teoria a partir de vidas compartilhadas, em vez de encaminhá-las pelos correios. Meu pensamento foi alimentado diretamente por ouvir minha própria agitação, reconhecendo aquelas que a compartilharam, aquelas que a validaram, trocando histórias sobre nossas experiências comuns e encontrando padrões, sistemas, explicações para como e por que as coisas aconteceram. Este é o processo central de conscientização, de testemunho coletivo. É assim que cresce a teoria artesanal.

Nos grupos de mulheres CR<sup>3</sup> aos que pertenci no início da década de 1970, compartilhamos histórias pessoais e muito emotivas de como tinha sido realmente viver como mulheres, examinando nossas experiências com homens e com outras mulheres em nossas famílias, relações sexuais, locais de trabalho e escolas, no sistema de saúde e na sobrevivência ao desprezo geral da sociedade e à violência contra as mulheres.

---

<sup>3</sup> N da T: *Consciousness raising groups* no original. Os grupos de conscientização foram um alicerce do feminismo durante os anos 1970 e 1980, onde as mulheres refletiam sobre suas experiências cotidianas e rodas horizontais e discutiam-se as lutas cotidianas e o sexismo imperante nas estruturas sociais nas quais elas viviam.

As we told our stories we found validation that our experiences and our reactions to them were common to many women, that our perceptions, thoughts and feelings made sense to other women. We then used that shared experience as a source of authority.

Where our lives did not match official knowledge, we trusted our lives, and used the collective and mutually validated body of stories to critique those official versions of reality. This was theory born of an activist need, and the feminist literature we read, from articles like "The Politics of Housework" and "The Myth of the Vaginal Orgasm" to the poetry of Susan Griffin, Marge Piercy, Alta, Judy Grahn, and others rose out of the same mass phenomenon of truth-telling from personal knowledge.

I am also the child of two cultures of resistance. I grew up *jíbara*, a word that means countrified, and is used both to romanticize the imaginary simple and

Enquanto contávamos nossas histórias, encontramos validação nas nossas experiências e reações a elas que eram comuns a muitas mulheres, que nossas percepções, pensamentos e sentimentos faziam sentido para outras mulheres. Usamos então essa experiência compartilhada como fonte de autoridade.

Quando nossas vidas não correspondiam ao conhecimento oficial, confiávamos primeiro nas nossas vidas, e usávamos o conjunto de histórias coletivas e mutuamente validadas para criticar essas versões oficiais da realidade. Esta era a teoria nascida de uma necessidade ativista, e a literatura feminista que lemos, a partir de artigos como "A Política do Trabalho Doméstico"<sup>4</sup> e "O Mito do Orgasmo Vaginal"<sup>5</sup>, a poesia de Susan Griffin, Marge Piercy, Alta, Judy Grahn, e outras que se levantaram do mesmo potente fenômeno que é contar a verdade a partir do conhecimento pessoal.

Sou também uma *cria*<sup>6</sup> de duas culturas de resistência. Eu cresci *jíbara*<sup>7</sup>, uma palavra que significa *matuta*<sup>8</sup>, e que é usada, por um lado, para romantizar a

<sup>4</sup> Nota da Revisora (em diante, N da R): Malos, Ellen. *The politics of Hosework*. London: Allison & Busby; Distributed in the U.S.A. by Schocken Books, 1980.

<sup>5</sup> N da R: Koedt, Anne. *The Myth of the Vaginal Orgasm*. US: New England Free Press, 1970.

<sup>6</sup> N da T: Em inglês no original.

<sup>7</sup> N da T: *Jíbaro* é o nome de uma etnia indígena também autodenominada Shuar ou Siona que habita entre o sul do Equador e o norte do Peru.

<sup>8</sup> N da T: *Countrified* no original.

noble coffee workers of yesteryear and as a put-down somewhat akin to hick.

But which originally meant, in the language of the Arawak people, “people of the forest” referring to the mixed-blood settlements of escaped slaves, fugitive indians and European peasants who took to the mountains to escape state control. I was raised in one of those settlements, listening to women talk.

I grew up in a family of activists who were thinking about race and class and gender and the uses of history and literature long before there were college courses to do this in, a mother who was a feminist in the 1950's, a father who told me bedtime stories about African and Chinese history and taught biology as a liberation science.

I grew up as the tropical branch of a tribe of working class Jewish thinkers who were critiquing the canons of their day from the shtetls of Eastern Europe, arguing about identity politics and coalitions, assimilation and solidarity way back into the last century.

figura imaginária das simples, nobres trabalhadoras das plantações de café de outrora e que, por outro lado, tem um significado depreciativo que implica algo assim como *matuta*.

Entretanto, [*jíbara*] originalmente significava na língua do povo Arawak, “pessoa da floresta”, referindo-se aos assentamentos mestiços de escravos e indígenas fugidos e camponeses europeus que se dirigiam às montanhas para escapar do controle do Estado.

Cresci em uma família de ativistas que pensavam em raça, classe e gênero e nos usos da história e da literatura muito antes de haver cursos universitários para isso; com uma mãe que era feminista nos anos 1950's e um pai que me contava histórias para dormir sobre a história africana e chinesa e que ensinava biologia como uma ciência de libertação.

Cresci como o ramo tropical de uma tribo de pensadores judeus da classe trabalhadora que criticavam os cânones de seu tempo a partir dos *shtetls*<sup>9</sup> da Europa Oriental, discutindo sobre políticas de identidade e coalizões, assimilação e solidariedade desde o século passado.

---

<sup>9</sup> N da T: Termo hebreu que se refere aos povoados judéus, principalmente do leste europeu.

I grew up out of the tangled roots of Puerto Rican history, sprang from slave and slaveholder, from publishers of seditious newspapers, liberal autonomists, Spanish soldiers and secret nationalists, fighting over independence, colony and kingdom, emancipation and feminism, and the meaning of freedom.

How I think and what I think about grows from my identity as a *jibara shtetl* intellectual and organizer. I was taught to trust in these traditions, in the reliability of my own intelligence combined with that of others.

But as academic feminism drifts farther and farther from its activist roots, as the elite gobbledegook of postmodernist jargon makes it less and less acceptable to speak comprehensibly, I have more and more often found my trust in myself under assault.

I watch my life and my theorizing about it become the raw materials of someone else's expertise, and am reminded of the neem tree of India, used for millenia as an insect repellent, only to be patented by a multinational pharmaceutical company. Peasant women developed the technology for extracting and preparing the oil for local use, but to multinationals, local use is a waste.

Eu cresci a partir das raízes emaranhadas da história de Puerto Rico, surgida de escravos e escravocratas, de editores de jornais sediciosos, autonomistas liberais, soldados espanhóis e secretos nacionalistas, lutando entre independência, colônia e reino, emancipação e feminismo, e o significado da liberdade.

Como eu penso e o que eu penso cresce desde minha identidade como uma intelectual e ativista *jibara shtetl*. Fui ensinada a confiar nessas tradições, na confiabilidade de minha própria inteligência combinada com a das outras.

Mas enquanto o feminismo acadêmico fica se afastando mais e mais das suas raízes ativistas, enquanto a elite da geringonça pós-moderna torna menos e menos aceitável o fato de falar de uma forma compreensível, tenho encontrado de forma cada vez mais frequente a minha verdade sob assalto.

Quando eu vejo minha vida e minha teorização sobre ela se tornarem a matéria-prima da experiência de outra pessoa, me lembro da árvore de Neem da Índia, usada por milênios como repelente de insetos, que está a ser patenteada apenas por uma empresa farmacêutica multinacional. As mulheres camponesas desenvolveram a tecnologia para extrair e preparar o óleo para uso local, mas para as multinacionais, o uso local é um desperdício.

The exact same process, done at much higher volume, and packaged for export, can be owned and put in the bank. My intellectual life and that of other organic intellectuals, may of us women of color, is fully sophisticated enough for use. But in order to have value in the marketplace, the entrepreneurs and multinational developers must find a way to process it, to refine the rich multiplicity of our lives and all we have come to understand about them into high theory, by the simple act of removing it, abstracting it beyond recognition, taking out the fiber, boiling it down until the vitality is oxidized away and then marketing it as their own and selling it back to us for more than we can afford.

\*\*\*\*\*

The local colmado of Barrio Rubias, which is just across a dirt road from Barrio Indiera Baja where I was raised, used to sell two kinds of cheese. Queso holandés, Dutch cheese, came in great big balls covered with red wax. If it molded, it did so from the outside in, so the center remained good, and one could trim the green from the rind. Or you could buy something called "imitation processed cheese food product."

Both began in the mammary glands of cows. But the processed "cheese food

O mesmo processo, feito em volume muito maior, e embalado para exportação, pode ser possuído e colocado no banco. Minha vida intelectual e a de outras intelectuais orgânicas, muitas de nós mulheres de cor, é sofisticada o suficiente para seu uso. Mas para ter valor no mercado, os empresários e desenvolvedores de multinacionais devem encontrar uma maneira de processá-lo; para refinar a rica multiplicidade de nossas vidas e tudo o que chegamos a entender sobre elas em alta teoria, pelo simples ato de removê-las, abstraindo-as até ficarem irreconhecíveis. Tirando-lhes a fibra, fervendo-as até que a vitalidade seja oxidada e depois comercializando-as como própria e vendendo-as de volta para nós por um preço maior do que podemos pagar.

\*\*\*\*\*

A lojinha local do Bairro Rubias, que fica do outro lado de uma estrada de terra do Barrio Indiera Baja onde fui criada, costumava vender dois tipos de queijo. O queijo holandés vinha em grandes bolas cobertas com cera vermelha. Se apodrecer, ele o fazia de fora para dentro, assim o centro permanecia bom, e podia-se aparar o verde desde a casca. Ou podia-se comprar uma imitação chamada "produto alimentar de queijo processado".

Os dois produtos começaram nas glândulas mamárias das vacas. Mas no



product" like its modern relatives Velveeta or individually plastic wrapped Kraft singles, were barely identifiable with any of the processes of their production, and what's more, when they spoiled, they did so thoroughly. All the capacity for resistance of a solid cheese with a rind had been refined away. Nevertheless, they often sold better. The packaging was colorful, mysteriously sealed, difficult to open.

We have been well trained to be consumers of glossy boxes, ziplock bags, childproof bottles, and copious amounts of plastic wrap and styrofoam. We are taught to be distrustful of bulk foods and rely on brand name recognition.

The students I work with have been taught to give books so much more authority than they give their own lives, that with the best will to comply, they find it very challenging to write autobiographical responses to readings and lectures. What they know best how to do is arrange the published opinions of other people in a logical sequence, restating one or another school of thought on the topic at hand.

When the package is difficult to penetrate, they rarely ask why the damn thing has to be wrapped up so tight. They assume the problem is with their minds. When I first re-entered higher education, as a middle aged professional writer

"produto alimentar de queijo processado", assim como seus parentes modernos Velveeta ou Kraft embalados em plástico individual, quase não mostravam os processos de sua produção e, além disso, quando estragavam, o faziam de forma completa. Toda a capacidade de resistência de um queijo sólido com casca havia sido refinada. No entanto, eles frequentemente vendiam melhor. A embalagem era colorida, misteriosamente selada, difícil de abrir.

Temos sido bem treinados para sermos consumidoras de caixas brilhantes, sacos *ziplock*, garrafas à prova de crianças e copiosas quantidades de plástico e isopor. Somos ensinadas a desconfiar dos alimentos a granel e a confiar no reconhecimento do nome da marca.

As estudantes com quem trabalho foram ensinadas a dar aos livros muito mais autoridade do que aquela que elas mesmas dão às suas próprias vidas e com a melhor vontade para cumprir, elas acham muito difícil escrever respostas autobiográficas em leituras e palestras. O que eles sabem fazer melhor é organizar as opiniões publicadas de outras pessoas em uma seqüência lógica, repetindo uma ou outra escola de pensamento sobre o tema em questão.

Quando a embalagem é difícil de penetrar, elas raramente perguntam por que a maldita coisa teve que ser embrulhada de uma forma tão apertada. Elas assumem que o problema está nas suas mentes. Quando voltei ao ensino

with many years of public speaking behind me, even with all the confidence these things gave me, I felt humiliated by the impenetrable language in which academic thinking comes wrapped these days.

At first I thought it was just a matter of overcoming my awkwardness with jargon. That it was just a lack of training. Like recently decolonized countries that embrace all the shiny wonders of nuclear energy, determined to have what the empire has had all along, I thought this slick new arrangement of words just needed to be acquired.

But I no longer think this. The language in which ideas are expressed is never neutral. The language people use reveals important information about who they identify with, what their intentions are, for whom they are writing or speaking. The packaging is the product being sold, and does exactly what is was designed for. Unnecessarily specialized language is used to humiliate those who are not supposed to feel entitled. It sells the illusion that only those who can wield it can think.

A frequent response to those who resist exclusive language is that they are

superior, como uma escritora profissional de meia-idade com muitos anos de discurso público atrás de mim, mesmo com toda a confiança que estas coisas me deram, senti-me humilhada pela linguagem impenetrável em que o pensamento acadêmico vem embrulhado nestes dias.

No início, eu pensava que era apenas uma questão de superar minha própria inépcia com o jargão. Que era apenas uma falta de treinamento. Como países recentemente descolonizados que abraçam todas as maravilhas brilhantes da energia nuclear, determinados a ter o que o império teve o tempo todo, eu pensei que este novo arranjo de palavras apenas precisava ser adquirido.

Mas eu não penso mais dessa forma. A linguagem em que as idéias são expressas nunca é neutra. O idioma que as pessoas usam revela informações importantes sobre com quem elas se identificam, quais são suas intenções, para quem estão escrevendo ou falando. A embalagem faz parte do produto vendido e opera exatamente no sentido em que foi projetada. Uma linguagem desnecessária e especializada é usada para humilhar aqueles que não se supõe que se sintam intitulados. Ela vende a ilusão de que somente aqueles que podem sustentá-la podem pensar.

Uma resposta frequente para aquelas que resistem à linguagem exclusivista é

intellectually lazy. Like other forms of gatekeeping, the whole point is to make us think we are responsible for whether or not we get in, not the gatekeepers. We must stop what we are doing, forget what we came for, and devote our energies to techniques of breaking and entering. We are required to do this just to win the right to argue. If we are uninterested, we are assumed to be incompetent. But my choice to read the readable has to do with a different set of priorities. Language is wedded to content, and the content I seek is theory and intellectual practice that will be of use to me in an activist scholarship whose priorities are democratizing.

\*\*\*\*\*

At the time that I was first struggling to hold onto my own intellectual integrity within academia I had little validation in my daily life for these feelings. I struggled to be a “good student” and to do the work I was assigned. When most what I read seemed shallow or irrelevant to my work, when I wondered feminist theory shouldn’t be more exciting to me than this, I was uneasily certain that I must be missing something.

Perhaps, I thought, this was just a lack of analytical skills that I would pick up in time, but most of what I read seemed so many levels of abstraction away

que são intelectualmente preguiçosas. Como acontece com outros tipos de porteiros, o objetivo é nos fazer pensar que nós somos responsáveis pela nossa entrada ou não, e não os porteiros. Devemos parar o que estamos fazendo, esquecer o que viemos buscar, e dedicar nossas energias às técnicas de enfiamento nessas entradas. Somos obrigadas a fazer isso apenas para conquistar o direito de discutir. Se não estivermos interessadas, eles assumem que somos incompetentes. Mas minha escolha de ler o que é legível tem a ver com um conjunto diferente de prioridades. A linguagem está ligada ao conteúdo e o conteúdo que procuro é a teoria e a prática intelectual que sejam úteis para mim em um estudo ativista cujas prioridades são democratizadoras.

\*\*\*\*\*

Na época em que eu me esforçava para manter minha própria integridade intelectual dentro da academia, eu tinha pouca validação em minha vida diária para estes sentimentos. Eu me esforçava para ser uma “boa aluna” e para fazer o trabalho que me era designado. Quando a maior parte do que eu lia parecia superficial ou irrelevante para meu trabalho, quando eu me perguntava se a teoria feminista não deveria ser mais excitante para mim do que isto, eu desconfiava de que devia estar perdendo algo.

Talvez, pensei, isso fosse apenas uma falta de habilidade analítica que eu iria chegar a captar com o tempo, mas a maior parte do que eu lia me parecia tão

from activist intentions and lived experience, from the problems I wanted to solve, that it seemed to be meaningless illusion, spinning concepts in the air that never landed anywhere, academic in the other sense of the word, disconnected from daily use, irrelevant, beside the point.

To fully understand these arguments, to decipher and engage with them, I would have had to abandon what I cared most about and devote most of my time to the study of conflicting theories written in arcane code, instead of doing my chosen work with and about my own peoples.

Now, looking back, I remember my life in the feminist movement of the early 1980's. At conference after conference I would stand in the hall trying to choose between the workshop or caucus for women of color and the one for Jews. How every doorway I tried to enter required leaving some part of myself behind. In those hallways, I began meeting other women, the complexity of whose lives defied the simplifications of identity politics. In conversation with them I found the only reflections of my full reality. Much of the feminist theory I tried to read during in graduate school was written in rooms whose doors were too narrow. They required me to leave myself and my deepest intellectual passions outside.

distante das intenções ativistas e da experiência vivida, dos problemas que eu queria resolver, que parecia ser uma ilusão sem sentido ver conceitos girando no ar que nunca aterrissavam em lugar algum; acadêmicos naquele outro sentido da palavra: desconectados do uso diário e irrelevantes além do ponto.

Para entender completamente esses argumentos, para decifrá-los e me envolver com eles, eu teria que abandonar o que mais me importava e dedicar a maior parte do meu tempo ao estudo de teorias conflitantes escritas em um código hermético, em vez de fazer meu trabalho escolhido com e sobre meus próprios povos.

Agora, olhando para trás, lembro-me da minha vida no movimento feminista do início da década de 1980. Conferência após conferência, eu ficava no salão tentando escolher entre a oficina ou a assembleia para mulheres de cor e a dos judeus. A cada porta em que eu tentava entrar, precisava deixar alguma parte de mim para trás. Foi assim que nesses corredores comecei a conhecer outras mulheres cuja complexidade de vida desafiava as simplificações da política de identidade. Ao conversar com elas, encontrei os únicos reflexos de minha realidade plena. Grande parte da teoria feminista que tentei ler durante a pós-graduação foi escrita em salas cujas portas eram muito estreitas. Elas exigiam que eu deixasse a mim mesma e às minhas paixões intelectuais mais profundas do lado de fora.

The place of validation I finally found was with those same women, the ones who had survived against all odds, in this case Latina feminist scholars who, the moment we found a venue to gather and talk alone, began making theory out of the stuff in our pockets, out of the stories, incidents, dreams, frustrations that were never acceptable anywhere else.

We had come together under a grant to look at comparative research on U.S. Latinas, but as soon as we began introducing ourselves, telling our intellectual autobiographies to people who understood them, we rewrote the proposal and instead, entered a multi-year process of telling our life stories and then drawing forth theory from them. The most tangible result is our book *Telling to Live: Latina Feminist Testimonios*, but the intangible depths of the experience have to do with establishing and protecting the sovereignty of our own minds.

This is the garden of my intellect, organic because it grows from its own soil, and is an expression of soil, weather, and surrounding plant and animal life, because it is free of pesticides designed to disrupt nature for profit, because it

O lugar de validação que finalmente encontrei foi com aquelas mesmas mulheres, aquelas que haviam sobrevivido contra toda probabilidade, neste caso estudiosas feministas latinas que, no momento em que encontramos um local para nos reunirmos e conversarmos a sós, começaram a fazer teoria das coisas que estavam na nossa bagagem, das histórias, dos incidentes, dos sonhos, das frustrações que nunca foram aceitáveis em nenhum outro lugar.

Tínhamos nos reunido sob uma subvenção para analisar pesquisas comparativas sobre mulheres Latinas Norte-Americanas, mas assim que começamos a nos apresentar, contando nossas autobiografias intelectuais às pessoas que as entendiam, reescrevemos a proposta e, em vez disso, entramos em um processo de vários anos para contar nossas histórias de vida e, em seguida, extrair delas a teoria. O resultado mais tangível é nosso livro *Telling to Live: Latina Feminist Testimonios*<sup>10</sup>, mas a profundidade intangível dessa experiência tem a ver com estabelecer e proteger a soberania de nossas próprias mentes.

Este é o jardim do meu intelecto, orgânico porque cresce do seu próprio solo, e é uma expressão da terra, do clima e da vida vegetal e animal ao redor, porque está livre de pesticidas destinados a perturbar a natureza para o lucro, porque

---

<sup>10</sup> N da R: *Telling to live: latina feminist testimonios*. Latina Feminist Group. North Carolina: Duke University Press, 2001.

hasn't been packaged for any market, but was grown to satisfy the hungers of me and mine. não foi embalado para nenhum mercado, mas foi cultivado para satisfazer a minha fome e a da minha coletividade.



**Figura 16:** *Uma intelectual orgânica.* Sara Oliveira. Colagem digital, 2021.